

ROTEIRO CAMILIANO EM RIBEIRA DE PENNA

PONTE DE CAVEZ

Ficha de Visita

Textos e selecção de Francisco Botelho
Edição da Câmara Municipal de Ribeira de Pena. 2005

A Ponte de Cavez, na freguesia do mesmo nome, concelho de Cabeceiras de Basto, é uma imponente construção que remonta ao século XIV e que estabelece a ligação entre as duas margens do Tâmega naquela que é considerada uma das portas de Trás-os-Montes.

Adaptada no século XX às necessidades de circulação rodoviária, perdeu as guardas de pedra e uma pequena construção central onde a tradição dizia que se guardava o corpo do construtor, Frei Lourenço Mendes, atestada por uma inscrição que afirmava: “Esta é a Ponte de Cavez, aqui jaz quem a fez”.

Na margem direita, imponente na dimensão, surge a Casa da Ponte, uma edificação que apresenta as características de um solar do século XVIII, mas que inclui elementos arquitectónicos bastante mais antigos. Neste local, no final da Idade Média, terá existido uma gafaria, que aproveitava a Fonte de Águas Sulfurosas da margem esquerda para o tratamento dos leprosos.

Junto à Casa da Ponte está situada a capela de S. Bartolomeu da Ponte de Cavez, cuja romaria, a 24 de Agosto, é muito concorrida pelas gentes do Minho e de Trás-os-Montes, chamados pela virtude da água e pela fama do santo em tirar o demónio dos corpos.

Pelo local passava uma antiga via romana e ainda hoje é possível observar duas pontes daquela época nas ribeiras vizinhas, bem como um pedaço de calçada que atravessa o próprio pátio da Casa da Ponte.

A Ponte de Cavez e a Capela de S. Bartolomeu figuram em dois textos de Camilo: no conto “Como ela o amava!” das “Noites de Lamego” e como cenário do último acto da peça de teatro “O Lobisomem”.

São dignas de nota, num raio de 5 quilómetros, as povoações de Moimenta e de Cavez, ambas do concelho de Cabeceiras de Basto e Agunchos, no de Ribeira de Pena.



Aos 24 de Agosto, na povoação chamada Cavez, cuja ponte, sobre o Tâmega, extrema pelo norte as duas províncias do Minho e Trás-os-Montes, celebra-se a festa de S. Bartolomeu, santo gravemente infesto a Satanás. Vêm aqui, de muitas léguas em volta, dezenas de criaturas obsessas. É para notar que raro homem ali vá incubado de demónio. As mulheres é que, por cima de muitas outras penas, sofrem o dissabor de serem visitadas pelos espíritos infernais, caso único, a meu ver, em que os sobreditos espíritos se mostram espirituosos.

(...)

Mas, enfiando outra vez o conto, gentis mocetonas eram aquelas energúmenas que eu vi na Igreja de Cavez, em 1842. Há que anos isto vai!... Naquele tempo, até as mulheres com espírito ruim me pareciam boas.

Voltei lá no ano seguinte, armado de figas que espantam maus ares, e nóminas e amuletos refractários ao demónio.

Na aldeia, onde eu então estudava latim, correu a nova de se terem desafiado para a romagem de S. Bartolomeu os valentes de dois concelhos inimigos, desde muito enrixados e aprazados para ali. Um morgado, meu vizinho, de nome José Pacheco de Andrade, filho do

antigo capitão-mor de Basto, Serafim dos Anjos Pacheco de Andrade, oito dias antes, mandara demolhar em poças, um braçado de paus de carvalho, para lhes dar elastério e cingirem-se melhor com as costas das vítimas. Estes preparatórios aqueciam-me os ânimos, posto que os chibantes da terra avisadamente se rissem dos meus quinze anos.

Pelas nove horas da noite do dia 23, saímos em malta, a caminho da ponte de Cavez, uma légua distante. Por volta das onze horas, fizemos alta numa aldeia, chamada Arosa, vizinha dos montados por onde se estendia o arraial. Ali reuniu-se connosco uma estúrdia, que vinha dos lados de Cerva, e nesta os mais graúdos brigões da comarca, homicidas igualmente impunes que arrogantes, e espécie de barões feudais a cujas barbacãs não ousavam chegar as justiças d'el-rei.

(...)

Ora eu, precavendo-me da inofensiva presença de meus anos, desci à ponte, e atravessei-a como coisa que ninguém vira. Fui direito à igreja observar a luta de S. Bartolomeu com o diabo. Era isto principalmente que me chamava.

Quando cheguei, vi simplesmente cinco demoníacos, agarrados por cinquenta braços de pujantes barroões, enquanto o santo, de bom tamanho e de pedra, era levado da cabeça de uma para a das outras energúmenas. O demónio rabiava nelas desencabrestadamente, quando o milagroso granito lhes pesava. O padre, levantava a voz também enfurecida, e insultava desabridamente o inimigo do género humano, obrigando-o a ir esconder a sua derrota nas profundezas do inferno. As raparigas desincubadas caíam sem forças no regaço das mães chorosas, arquejavam, iam-se a pouco e pouco restaurando, e erguiam-se afinal sãs, para irem depor no altar do santo o voto, e rodearem sobre joelhos a igreja.

Disseram-me que, passadas algumas semanas, todas estas moças casavam com os sujeitos que o demónio respectivo de cada uma tinha declarado.

Que ofício adopta o demónio, às vezes!... Assim mesmo, é o mais útil que eu lhe conheço.

Camilo Castelo Branco, em *Como ela o Ama-val*, conto inserido nas *Noites de Lamego*



ROTEIRO CAMILIANO EM RIBEIRA DE PENNA

FRIÚME

Ficha de Visita

Textos e selecção de Francisco Botelho
Edição da Câmara Municipal de Ribeira de Pena. 2005


A povoação de Friúme, na freguesia do Salvador, foi uma das mais importantes do concelho ao longo do século XIX. Situada na margem esquerda do Tâmega, era atravessada pela estrada que, desde a Ponte de Cavez, contornava o rio e que, a partir de Friúme, começava a subir a encosta em direcção à Portela de Santa Eulália para, depois, se internar no Alvão em direcção a Vila Real. Esta situação privilegiada fez com que Friúme tivesse desempenhado um importante papel nas transacções comerciais da região, sendo entreposto de recoveiros que asseguravam a circulação das mercadorias para Guimarães e Porto.

Da importância de Friúme ao tempo em que Camilo a habitou – 1840/1842 – é testemunho o facto de a povoação possuir boticário (Macário Afonso) e tabelião (José de Mesquita Chaves). Para além disso possuía uma loja de nomeada, propriedade de José Martins dos Santos, comerciante no Porto que aqui se estabeleceu com a família, fugido ao Cerco da cidade nas lutas liberais. É neste enquadramento que Camilo Castelo Branco vai viver, entre um a dois anos da sua vida, depois de abandonar a Samardã. Alojado em casa de sua prima, Maria do Loreto, casada com o lavrador da Casa do Moreira, daqui podia seguir as aulas do padre mestre na Granja Velha.

E aqui encontrou as suas primeiras asas de liberdade. Asas que lhe permitiram percorrer as redondezas, pescando, caçando, namoriscando... Perto da Casa do Moreira, em Friúme, ficava a casa de Sebastião Martins dos Santos, que tinha uma filha fresca e provavelmente bonita, chamada Joaquina. No Tâmega, perto de Friúme, ficava a Ilha dos Amores, assim chamada a troco da utilidade. Não será de estranhar que isso, acrescido ao facto de casamento significar liberdade para Camilo (que assim poderia assumir a sua legítima por morte do pai) e cobiça para o sogro, tenha levado ao casamento dos dois jovens, Camilo então com 16 anos, ela com 14.

Em Friúme, e pelo menos durante um mês como é comprovado documentalmente, Camilo foi amanuense do tabelião José de Mesquita Chaves. Segundo ele próprio vem a declarar mais tarde, ali “aprendeu a jogar às damas e ao gamão”.

Hoje, perdida a importância como povoação, Friúme permite ainda observar alguns enquadramentos do tempo de Camilo e, acima de tudo, a chamada “Casa de Camilo”, local onde terá vivido com a mulher Joaquina e que depois de recuperada passa a ser um núcleo interpretativo da ligação do escritor a Ribeira de Pena.



Fui daquela terra para outra, onde vivia um mestre de latim, sujeito de não vulgar lição, pregador de fama e bom velho sobretudo.

Camilo Castelo Branco em *Ao anoitecer da vida*

Na aldeia, onde eu então estudava latim, correu a nova de se terem desafiado para a romagem de S. Bartolomeu os valentes de dois concelhos inimigos, desde muito enrixados e aprazados para ali. Um morgado, meu vizinho, de nome José Pacheco de Andrade, filho do antigo capitão-mor de Basto, Serafim dos Anjos Pacheco de Andrade, oito dias antes, mandara demolhar em poças um braçado de paus de carvalho, com o fim de lhes dar elastério, e cingirem-se melhor com as costas das vítimas. Estes preparatórios aqueciam-me o ânimo belicoso, posto que os chibantes da terra avisadamente se rissem dos meus quinze anos.

Por nove horas da noite do dia 23, saímos em malta a caminho da ponte de Cavez uma légua distante. Por volta de onze horas, fizemos alta numa aldeia, chamada Arosa, convizinha dos montados por onde se estendia o arraial. Ali, reuniu-se connosco uma estúrdia, que vinha dos lados de Cerva, e nesta os mais graúdos brigões da comarca, homicidas igualmente impunes que arrogantes, e espécie de barões feudais, a cujas barbacãs não ousavam chegar as justiças d'el-rei.

Camilo Castelo Branco, em *Como ela o amava!* inserido nas *Noites de Lamego*

No fim de três dias, o farmacêutico apareceu vestido de luto carregado. Se alguém proferia palavra a respeito do luto ou da filha, ele, apertando os beiços com o dedo polegar e indicador, fazia um gesto de silêncio. E, em seguida, sumindo-se na casa traseira da botica, ia chorar. Passados oito dias, quem abriu a botica foi um caixeiro vindo de longe.

Macário saiu de Celorico de Basto e foi administrar outra farmácia de uma viúva, dali quatro léguas, onde eu estudava latim. Ali o conheci. Teria cinquenta anos. Foi meu mestre de gamão e de damas. Durante onze meses nunca lhe ouvi falar de Tomásia. No fim do ano, aliviou o luto; mas, como não pudera despi-lo da alma, entrou a embriagar-se. E então falava da filha, fazia-me confidências, vociferava palavras brutais e tinha arrebatamentos de fúria em que os olhos lhe ofegavam e rompiam das órbitas. Estas crises terminavam dormindo.

Camilo Castelo Branco em *O filho natural*, uma das *Novelas do Minho*

Em todas as três edições de “Um Livro” foi conservada uma composição, com a respectiva nota, que diz respeito a um fidalgo-mendigo de Friúme. Começamos pela nota, que preparará o leitor para melhor entender os versos:

Este carácter, ligeiramente esboçado, não é fantástico, nos traços essenciais... O homem, que aí se pinta, foi, viveu, e conheci-o tal, na primeira luz do quadro, em que os acessórios, o ornato, é o que menos vale. Chamava-se José Pacheco de Andrade. Oriundo de uma das mais distintas famílias de Cabeceiras de Basto, seu pai era o capitão-mor Serafim Pacheco dos Anjos. Senhor do vasto morgadio de Friúme, em Ribeira de Pena, dissipou-o em hipotecas tão ruinosas para ele como para os especuladores, que deixando morrer de fome o senhor do vínculo, viram-se despojados das regalias do roubo pelo sucessor imediato.

Alberto Pimentel, *Os Amores de Camilo*

ROTEIRO CAMILIANO EM RIBEIRA DE PENNA

IGREJA DO SALVADOR

Ficha de Visita

Textos e selecção de Francisco Botelho
Edição da Câmara Municipal de Ribeira de Pena. 2005

A Igreja Matriz do Divino Salvador, que domina na sua majestade a vila de Ribeira de Pena, é um edifício construído na segunda metade do século XVIII e que se ficou a dever à benemerência de um emigrante ribeirapense no Brasil, Manuel José de Carvalho.

A lenda conta que Manuel José de Carvalho, muito novo, terá ido para o Brasil, onde veio a fazer fortuna. Quando abandonou a terra natal, fez a promessa de, em caso de sucesso, mandar edificar uma igreja “como não houvesse outra em dez léguas ao redor”. De como angariou fortuna, não ficou memória. O certo é que, em 1759, envia para Ribeira de Pena uma carta em que manifesta o desejo de mandar edificar uma igreja, garantindo o pagamento de todas as despesas, à excepção do carreto das pedras. A Igreja vem a ser edificada, tendo-se deitado abaixo a antiga Igreja do Salvador para aproveitamento da pedra. A primeira sagração vem a ser feita em 1793, já depois da morte de Manuel José de Carvalho, que nunca chegou a ver a sua obra.

A fachada manifesta ainda uma traça barroca, com alguns elementos rococó.

Apresenta uma orientação invulgar a nascente e possui, por sobre o portal de entrada, um medalhão evocativo do fundador, ladeado de dois querubins com toucado de penas e um enorme nicho com uma imagem do Divino Salvador.

No interior, sóbrio mas imponente, é de referenciar o altar-mor, as guardas em madeira e os belos cadeirais confessionário.

Foi nesta Igreja que casou, em 18 de Agosto de 1841, Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, na altura com 16 anos de idade, com Joaquina Pereira de França, uma jovem de 14 anos, natural de Gondomar e residindo na povoação de Friúme com seus pais.

A Igreja está ainda ligada ao episódio com que Camilo justifica a sua saída de Ribeira de Pena.

REGISTO DE CASAMENTO

Camilo Ferreira Botelho Castello Branco, filho de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco e Jacinta Rosa Almeida do Espírito Santo, da cidade de Lisboa, e de presente assistente n'esta freguezia do Salvador, e Joaquina Pereira de França, do lugar de Friume, d'esta freguezia do Salvador da Ribeira de Pena contrahiram o Sacramento do matrimonio por seus mutuos e expressos consentimentos *in facie Ecclesiae* confrome o Concilio Tridentino e Constituição do Arcebispado com commutação de proclames para depois de recebidos na minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, a dezoito d'Agosto de mil e oitocentos e quarenta e um: testemunhas presentes o Padre José Maria de Souza, do Pontido d'Aguiar e Francisco Ribeiro Moreira, de Friume, d'esta freguesia; e para constar fiz este termo era *ut supra*.

O Encomendado Domingos José Ribeiro.
O Padre José Maria de Souza, Francisco Ribeiro Moreira.

Camilo Ferreira Botelho Castello Branco
Joaquina Pereira de França

Naquela terra andavam às más dois irmãos de fidalga prosápia, à conta do casamento desigual que um deles intentava fazer contra a vontade do mais velho. Por parte dos sequazes deste me foram pedidos uns versos em que a noiva menos fidalga e o apaixonado mancebo fossem chanceados à conta de não me lembra que antecedências muito ajeitadas à galhofa métrica. Deu-me soberbas uma incumbência deste género! Poeta e demais a mais requestado para intervir com minha opinião em casamento tão falado nas vinte aldeias circumpostas!

Escrevi uma folha de almoço em quadras, que os interessados na publicidade afixaram na porta da igreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticário, que seguia as partes do morgado, lia a sátira à populaça, que ria às escâncaras. E eu de lado a rever-me na obra e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio!

Por um cabelo que não fui então mártir do génio! A vítima crucificada na porta da igreja não era das que dizem: "Senhor, perdoai ao poeta que não sabe as asneiras que diz!" Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento, e deixar não só o fidalgo, que também o boticário em paz. Poeta era eu só naquela quadra de dez léguas; avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberara, abafaria aquele respiráculo de detracção inimiga.

O padre-mestre avisou-me horas antes da espera e da sepultura. Fugi com o magnum-lexicon debaixo do braço, e com os ossos direitos que aquela terra ingrata me queria comer.

Camilo Castello Branco em *Ao anoitecer da vida*

ROTEIRO CAMILIANO EM RIBEIRA DE PENNA

CAPELA DE NOSSA S^a. DA GUIA

Ficha de Visita

Textos e selecção de Francisco Botelho
Edição da Câmara Municipal de Ribeira de Pena. 2005

A Capela de Nossa Senhora da Guia ergue-se numa das encostas do Alvão, sobranceira ao vale do Tâmega e é o palco de uma das maiores romarias do concelho.

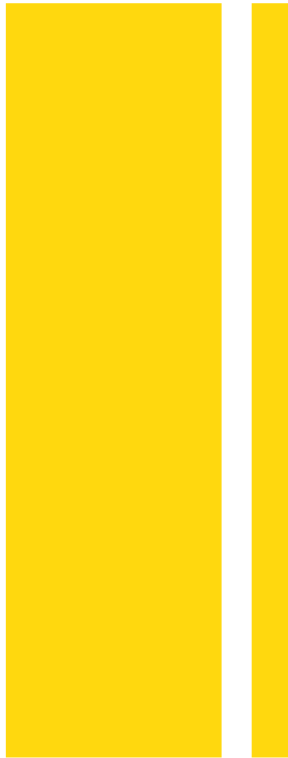
Consagrada como padroeira do concelho em 1952, envolve a devoção das gentes de Trás-os-Montes e do Minho, que religiosamente, todos os 15 de Agosto, assistem à sua procissão e cumprem promessas ao redor da Capela.

A Capela que hoje existe foi construída na primeira metade do século XVIII, por devoção e voto dos senhores da Casa de Santa Marinha e da Casa do Mato, em Ribeira de Pena. Foi seu construtor o mestre Lucquas Rodriguez, da Galiza, no seguimento do modelo da Capela da Granja Velha, então recentemente construída.

É um belo exemplar do barroco rural, com um portal encimado pelo nicho em que figura, em granito, a imagem da Senhora da Guia. O pormenor arquitectónico mais significativo é precisamente aquele que encima a fachada, uma grande concha (vieira) em granito. Sabendo que o mestre construtor era galego, não é difícil conotá-la com a influência de Santiago de Compostela, cujo símbolo é, precisamente a concha.

No interior, para além do altar, recentemente restaurado, há que ter em conta o tecto, todo em granito, com caixotões sem figuração.

Camilo, que certamente assistiu à romaria da Senhora da Guia, integra-a no Sexto dos seus "Doze Casamentos Felizes".



Entretanto, abrem-se as linhas do Porto, vencem as ideias liberais de Bernardo Pires, o corregedor de Vila Real é espingardeado, e os parentes do fugitivo correm a Ribeira de Pena para o levarem em triunfo para a sua terra.

- Deus é bom e justo – disse Bernardo. – A minha alegria é completa. Começo hoje a viver.

Era num dia de Agosto, romagem da Senhora da Guia, cuja Capela alveja na chã que se aplaina na quebrada da serra do Alvão.

Teresa foi lá cumprir a promessa das vinte voltas de joelhos em redor da capela. Com ela foram o irmão, e Bernardo, e parentes e amigos deste, entre os quais estava um padre.

A moça deu as vinte voltas. Posto que robusta, às dezoito, bateu com a face no lajedo do adro. Quis erguê-la Bernardo; mas ela continuou, quase a rojo, afincando já os cotovelos na pedra.

Por fim, foi Bernardo quem a levantou nos braços, e entrou com ela na capelinha.

- Será bom que almoces agora, rapariga – disse António à irmã.

- O senhor Bernardo disse que havia de confessar-se hoje, e eu também me queria confessar – replicou Teresa.

E foi ajoelhar aos pés do sacerdote, primo de Bernardo, enquanto este se confessava também.

(...)

A este quadro simplíssimo não ajustam grandes palavras, porque ele é singelinho como o de Rute e Booz.

Teresa recebeu a mão que se lhe oferecia e foi ajoelhar no primeiro degrau do altar-mor. Quando o ministro lhe fez as perguntas sacramentais, Teresa, sufocada pela alegria, que desabafa por lágrimas e soluços, não podia responder.

Camilo Castelo Branco no Sexto dos *Doze Casamentos Felizes*.

ROTEIRO CAMILIANO EM RIBEIRA DE PENNA

CAPELA DA GRANJA VELHA

Ficha de Visita

Textos e selecção de Francisco Botelho
Edição da Câmara Municipal de Ribeira de Pena. 2005

A Capela da Granja Velha, no lugar do mesmo nome, é um belo exemplar do barroco rural. Foi mandada edificar por um natural daquela povoação, emigrado no Brasil, de nome Lourenço Valadares Vieira, presbítero que exerceu no Brasil importantes cargos religiosos como o de Arceidiago da Sé do Rio de Janeiro e Bispo do Pará.

Mandou edificar este templo na povoação da sua naturalidade para “homenagear os antepassados e para que a população tivesse um local condigno para assistir à missa”. Paralelamente a esta construção, estabeleceu um avultado donativo à Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz, em Braga, que tinha a obrigação de prover e sustentar capelão próprio para a capela.

Construída na primeira metade do século XVIII, esta Capela garantia uma das melhores tenças religiosas, sendo portanto cobiçado o seu lugar. Talvez isso justifique o facto de, na Granja Velha, existir em 1841 um padre de grande ilustração, com fama em toda a província, o padre Manuel Rodrigues, ou Manuel da Lixa, por ser natural da Lixa do Alvão.

A Capela possui uma fachada em que se destaca a pedra de armas do instituidor e, exteriormente, apresenta um pormenor insólito – o acesso lateral ao coro com balcão, tudo construído em granito. No interior possui um belíssimo altar em talha dourada, com um sacrário de grande qualidade e uma imagem da Senhora da Conceição, uma obra prima do barroco. O tecto do altar mor possui uma pintura ingénuo, provavelmente do século XIX, também digna de nota.

Foi no lugar da Granja Velha que Camilo teve aulas com o padre-mestre Manuel Rodrigues. A Capela da Granja Velha e o seu adro terão sido testemunhas de muitos dos momentos que Camilo passou em Ribeira de Pena.



O minorista, ouvindo a tradução da quintilha, confundiu o adversário com latim, e, a respeito da filha do João da Laje, continuou:

- Não era possessa; era a paixão que a des-norteava. O senhor Maurício conhece o morgado de Cimo de Vila?

- Se conheço! Aquele cadete de cavalaria de Chaves que estudou primeiro para frade crúzio, e assentou praça quando ficou senhor da casa por morte do irmão!... Esse rapaz foi para a corte com o pai... Foi então ele quem a apaixonou...

- Foi. Há quem os visse no bosque de amieiros da Insua, defronte da Granja. O senhor sabe...

- Conheço esse bosque. O meu padre-mestre

de latim chamava-lhe a *Ilha dos Amores*; foi lá que todos os bons latinistas meus condiscípulos leram a *Arte de Amar* de Ovídio; e o cadete, pelos modos, aplicou as teorias do Sulmonense...

- Não vamos tão longe, senhor Maurício – emendou o minorista – O que se diz é que ele passava o Tâmega nas poldras, com a cana de pesca e o cacifro; depois metia-se na Insua, e a Josefa ia lá ter.

- Tudo isso é inocentemente pastoril. Depois ele fazia de *Felício* e ela de *Florisa*, como os pastores de Fernão Álvares d’Oriente, e altercavam os seus queixumes ao som do arrabil... Vamos ao fim do conto: a rapariga, frágil e bonita...

Camilo Castelo Branco, em *“Maria Moisés”* uma das *Novelas do Minho*.



ROTEIRO CAMILIANO EM RIBEIRA DE PENNA

PONTE DE ARAME

Ficha de Visita

Textos e selecção de Francisco Botelho
Edição da Câmara Municipal de Ribeira de Pena. 2005

A Ponte de Arame, que liga a Ribeira a Santo Aleixo de Além-Tâmega, deverá ter sido construída no início do século XX. Há, pelo menos, testemunhos de que ela existiria já durante a primeira Guerra Mundial, e prestou serviço até aos nossos dias. Aliás, a sua utilização só passou a ser acessória a partir de 1963, ano em que se inaugurou a travessia do Tâmega através da bela ponte em arco de granito, construída cem metros acima. Hoje em dia é utilizada pelas populações ribeirinhas e motivo de curiosidade dos muitos visitantes, que nela encontram o encanto de outras eras.

Quando Camilo passou por Ribeira de Pena, a Ponte de Arame ainda não existia. A passagem do Tâmega fazia-se então através dos vaus, nas numerosas poldras e nos açudes e, sempre que o caudal era maior, nas barcas de fundo chato que transportavam pessoas, mercadorias e animais. Nos períodos inverniais mais rigorosos, o rio era intransponível. Terá sido isso, aliás, que motivou as gentes da Ribeira e de Santo Aleixo a construir uma ponte pênsil que permitisse o trânsito de pessoas e bens ao longo de todo o ano.

E se a Ponte de Arame não é contemporânea de Camilo, ela é um local extremamente agradável para acompanhar a leitura de dois textos alusivos à travessia do Tâmega e escritos por Camilo. Um, através das poldras, figura na novela “Maria Moisés”. O outro, uma travessia de barca, é descrita no Sexto dos “Doze Casamentos Felizes”.



Ao avistar as poldras que alvejavam poídas e resvaladiças ao lume de água, teve vertigens e disse: “Eu vou morrer.” Pôs o berço à cabeça, esfregou os olhos turvos de pavor, e esperou que as pancadas do coração sossegassem. Depois, benzendo-se, pisou com firmeza as quatro primeiras pedras; mas daí em diante ia como que cega; a corrente parecia-lhe caudal e negra. Quis sentar-se numa das poldras; e, na precipitação com que o fez para não cair, escorregou ao rio. A água era pouca e a queda de nenhum perigo; mas o berço caiu na veia da corrente que era bastante forte para o derivar. Quando ela estendeu o braço já o não alcançou. Arremessou-se então ao rio; mas os altos choupos da margem, encobrindo a baça claridade das estrelas, escureceram o berço. Neste lance, perdido o tino, a desgraçada correu de través para a margem, onde um claro de areia se lhe afigurou o berço.

Quando aí chegou, caiu; e, na queda, agarrou-se ao esgalho do salgueiro em que o pastor e o Luís moleiro a encontraram moribunda.

Camilo Castelo Branco, em *“Maria Moisés”*, uma das *Novelas do Minho*

Em 1832, um ricaço do Alto Douro, de nome Bernardo Pires, fugia à perseguição que o corregedor de Vila Real lhe fazia por ódio político. Em parte alguma pudera ele furtar-se à espionagem dos aguazis. De terra em terra, umas vezes fiado nos amigos, outras com falso nome, fora parar a Ribeira de Pena, terra situada nas fronteiras do Minho e Trás-os-Montes.

Como a justiça de mouro aí mesmo o lorigasse, resolveu transpor o Tâmega, ganhar as Alturas de Barroso, e entornar-se na Galiza por Chaves. Encaminhou-se por isso ao primeiro ponto de passagem, que era aquele onde eu viera ter à margem oposta, e que me lembra agora chamar-se Viela.

Estava do lado de além a barca. Bernardo Pires chamou algumas vezes o barqueiro. Ninguém o ouvia; mas dera por ele uma rapariga, irmã do dono da barca e da azenha. A corrente do Tâmega ia grossa demais para o pulso de mulher; mas Teresa era atrevida, e o irmão só a desoras viria acudir à ansiedade do passageiro. Desatracou o barco, arremangou a camisa, cuspiu nas mãos áridas do trabalho, travou a vara, sondou com ela o vau, deu o primeiro impulso à barca, e daí até à margem oposta mais de três vezes se afigurou a Bernardo Pires que a torrente a ia arrastando ao açude, que se despenhava, cem passos abaixo, com fragor medonho. De cada vez que Teresa fincava o peito à ponta da vara, a barca resistia à torrente que marulhava, e rebentava para dentro dela em tufos de espuma; depois, apertada entre a onda e a vara, gemia pelas juntas; e a possante barqueira, brincando com a morte, ou ignorante do perigo, a cada guinada que a barca dava galgando a torrente, exclamava com alegria: «Salta minha andorinha»!

Abicando à margem fronteira viu que o passageiro, com o chapéu na mão, se aproximava dela. Não afeita a cerimónias, quase não deu fé do cortejo. Estava Bernardo Pires dizendo palavras de sincera gratidão ao denodo e humanidade com que ela se arriscara aos perigos, quando Teresa, passando-lhe para a mão uma celha de pau, lhe disse:

- Ajude-me a despejar o barco que, se mete mais água, podemos ir ambos ao fundo.

Camilo Castelo Branco no *Sexto dos Doze Casamentos Felizes*

ROTEIRO CAMILIANO EM RIBEIRA DE PENNA

CASA DO BARROSO

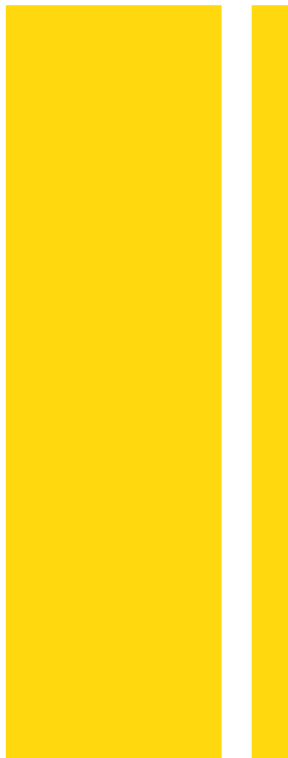
Ficha de Visita

Textos e selecção de Francisco Botelho
Edição da Câmara Municipal de Ribeira de Pena. 2005

A Casa do Barroso, em Bragadas, é uma curiosidade da arquitectura rural do século XVIII. Inserida numa povoação situada a meio da encosta norte do Tâmega, fronteira do Barroso, marca uma nota dissonante pela qualidade da sua fábrica. De facto, a Casa do Barroso ostenta, num canto escondido, um magnífico portal em granito, brasonado, e virada a poente e a sul uma fachada com cantaria fina, envolvendo uma pedra de armas de grande dimensão, que encima uma escadaria incompleta.

Que a Casa do Barroso não viu o seu projecto concluído é óbvio para quem ali se desloca. Qual o motivo para a interrupção das obras, não é fácil hoje descobrir. O que é certo é que Camilo, que por ali deverá ter passado quando viveu em Friúme, escreveu um belíssimo conto a propósito da casa, que intitulou “História de uma Porta” e que pode ser lido no livro “Noites de Lamego”.

Em Bragadas, a história que Camilo escreveu “virou” verdade. O poder da construção de mitos inerente à criação dos bons escritores... Mas será bom saber que o brasão esculpido no portal e no cimo da escadaria da Casa do Barroso pertenceu a Domingos Francisco Pena de Carvalho, natural de Ribeira de Pena, que a ele teve direito por carta régia passada a 25 de Setembro de 1756.



Fui a uma aldeia, pendurada de uns rochedos de Barroso. Bragadas era o seu nome. Chamavam-me ali as trutas do rio Beça, as maiores trutas dos córregos riquíssimos de Portugal.

Distanciei-me duas léguas de casa, e fui surpreendido pela noite, debruçado por sobre uma fraga, com o anzol numa levada, onde vi uma truta velha, de cabelos brancos, como lá dizem.

Desta macróbia se dizia que tinha impunemente engolido anzóis! O peixe era um Mitridates da sua classe!

Assustado da noite e transviado do caminho, fui dar àquela aldeia, e perguntei a um pastor se lá havia padre. Casa de padre é sempre albergaria certa de forasteiros, mesa farta e cama limpa. Não havia padre em Bragadas.

- Quem me dá agasalho nesta povoação? – perguntei ao pegureiro informador.

- Quem quer lhe dá agasalho.

- Mas onde hei-de eu ir bater?

- Vá vocemecê por esse quinchoso abaixo; lá ao todo fundo carregue à sua esquerda, e salte um portelo que não tem que errar. Vocemecê vai rebentar mesmo à porta do tio Barroso.

- Rebentar?! – articulei eu assustado da profecia.

- Sim, à porta do tio João Barroso, que é o lavrador maior da freguesia.

Rebentar, felizmente, era sinónimo de sair ou chegar.

Rebentei pois à porta... À porta? Hei-de eu chamar porta a isto?

Era o lavor mais primoroso que meus olhos tinham visto. Um luar brilhantíssimo alumia a vulto aqueles rendilhados, festões, laçarias, refendimentos, figuras e relevos do mais luxuoso cinzel. Era alteroso o portão. As ombreiras aram colunas recebendo nos capitéis uma cúpula triangular recamada de florões, com grande folhagem, donde surdiam anjos dedilhando cítaras, e outras figuras emblemáticas, que eu não enxerguei se eram faunos ou santos.

(...)

- Cale-se lá tio José! – disse o velho – Deus lá sabe o que faz... – Toca a comer o caldo, ajuntou o sobrinho do praguejador, declinando do assunto, que me estava incitando à curiosidade, muito mais do que a ceia o apetite.

A ceia era um caldo de castanhas piladas, bem adubadas de tocinho, e tocinho bem assazoadado de batatas, a que lá chamam *castanholas*.

Demos graças a Deus e cada qual foi à sua cama. Para homens cansados do lidar do dia, o sono reparador traz-lho como doce mimo a natureza benfazeja e leal ao Criador que santificou o trabalho.

Camilo Castelo Branco, em *História de uma Porta*, conto inserido nas *Noites de Lamego*